



## “NÃO FALE EM CRISE, TRABALHE”: formulação e circulação de sentidos nas redes sociais

Roseane Santana Santos<sup>1</sup>

Samuel Barbosa Silva<sup>2</sup>

### 1 INTRODUÇÃO

As redes sociais funcionam como dispositivos digitais de veiculação de vários discursos, sendo assim, abrigam, em seu cerne, propagandas, imagens, vídeos, fotos, etc. de diversas pessoas físicas e/ou jurídicas que desejam conectarem-se para estreitar mais os laços afetivos pessoais e/ou anunciar sua mercadoria para comercialização.

Neste trabalho, selecionamos quatro imagens que recuperam o dizer do presidente em exercício, Michel Temer, por conter marcas discursivas necessárias sobre a representatividade da classe trabalhadora a partir das imagens selecionadas. Objetivamos desvelar os efeitos de sentido sobre o discurso “Não fale em crise, trabalhe!”, salientando as falhas, equívocos da língua no fio do discurso que favorecem o capitalismo e cerceia os poucos direitos conquistados pela classe trabalhadora nos últimos tempos.

Utilizamos a base teórico-metodológica da Análise de Discurso (doravante AD) ancorada no materialismo dialético, uma vez que o *discurso* é o objeto de análise da materialidade discursiva e aponta direcionamentos metodológicos pontuais através das categorias que compõem a base teórica da AD. Também a sua base teórica é respaldada pelo materialismo dialético que considera o discurso como concreto, isto é, sua análise é feita a partir da realidade objetiva considerando o processo histórico-ideológico.

---

<sup>1</sup> Professora Substituta da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas e Membro do Grupo de Estudos Discurso e Ontologia Marxiana (GEDOM/UFAL).

<sup>2</sup> Professor do Núcleo de Ensino à Distância da Universidade de Pernambuco (NEAD/UPE), Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas e Membro do Grupo de Estudos Discurso e Ontologia Marxiana (GEDOM/UFAL).

## 2 O REAL DA LÍNGUA E DA HISTÓRIA NA FORMULAÇÃO E CIRCULAÇÃO DOS SENTIDOS

A análise de discurso, ao colocar em questão a não transparência da linguagem e do sentido, elege o discurso como o lugar onde se dá a inscrição dos efeitos da língua na história. Isso significa que para analisar um discurso é preciso trabalhar a materialidade da linguagem numa perspectiva em haja a articulação da lingüística com a história, assim como afirma Orlandi.

Reconhece-se a impossibilidade de se ter acesso a um sentido escondido em algum lugar atrás do texto. A questão do sentido torna-se a questão da própria materialidade do texto, de seu funcionamento, de sua historicidade, dos mecanismos dos processos de significação.

Isso que dizer que a materialidade em si não possibilita o acesso direto ao sentido e que só é possível ter acesso ao(s) sentido(s) a partir de um dispositivo teórico de interpretação, segundo a autora. Para ela, a noção de funcionamento discursivo torna possível expor os mecanismos dos processos de significação do texto/discurso. Por meio da noção de funcionamento discursivo, que está no centro da questão da produção de sentido, é possível situar a questão da articulação língua e discurso. Para isso é necessário entender a noção de efeito metafórico decorrente dos estudos de Pechêux e desenvolvido por Orlandi. Ela trabalha essa noção como um fenômeno semântico que produz um deslizamento de sentidos decorrente de uma substituição contextual. Isso significa que todo enunciado pode se tornar outro, ou seja, deslocar-se discursivamente de sentido. A identificação desse deslocamento só é possível a partir da articulação da língua com a historicidade, e essa historicidade está

representada pelos deslizamentos (nas relações de paráfrase) que se instalam o dizer no jogo dos diferentes formações discursivas, presença de uma ausência necessária, relação incontornável com a alteridade. Falamos a mesma língua mas falamos diferente. Este deslizamento, a metáfora, própria da ordem simbólica, é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade (ORLANDI, 2008, p.24).

É nesse sentido que autora afirma que a língua só significa quando se inscreve na história, ou seja, trabalhar a língua numa perspectiva discursiva é considerar que a língua só faz sentido quando é afetada pela história. Logo, não podemos deixar de considerar que a língua não é só estrutura, mas também acontecimento. Nesse aspecto, entra em questão a constituição do sujeito e do sentido, ou seja, o sujeito para se constituir deve-se submeter a língua, mas não a língua como sistema formal,

e sim a língua na história, pois a ordem da língua e a da história, em sua articulação e funcionamento, constituem a ordem do discurso (ORLANDI, 2008, p.103). Logo, para analisar qualquer discurso é preciso compreender que os sentidos são historicamente determinados e para isso é preciso inscrever a língua na história.

### 3 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

Essa materialidade discursiva trata-se de um enunciado proferido no primeiro discurso de Michael Temer como presidente interino do Brasil, em 12/05/2016. O então presidente assume o cargo após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff acusada por crime de responsabilidade fiscal e por ser responsável por instaurar a crise econômica e política no Brasil. Este enunciado, “Não fale em crise trabalhe”, conforme afirma Temer, tem como fonte o intertexto afixado numa placa em posto de lavagem na rodovia Castelo Branco na cidade de São Paulo. “Há pouco tempo, eu passava por um posto de gasolina, na Castelo Branco, e o sujeito botou uma placa lá: Não fale em crise, trabalhe. “Eu quero ver até se consigo espalhar essa frase em 10, 20 milhões de outdoors por todo o Brasil, porque isso cria um clima de harmonia, de interesse, de otimismo, não é verdade”, disse.

A crise a qual o presidente interino faz referência precisa ser entendida considerando dois momentos: o primeiro, antes do impeachment da ex-presidente Dilma, e o segundo, após a posse de Temer na presidência do Brasil. Durante o processo de impeachment, o então vice-presidente abandonou o governo da presidenta, alegando que o partido dela teria sido responsável pelo desencadeamento da crise econômica e política estabelecida no Brasil em razão da prática de corrupção instaurada pelo referido partido. Após o julgamento e condenação da ex-presidenta, e a consequente posse de Temer na presidência, em seu primeiro pronunciamento como presidente, ele afirma que não se deve mais falar em crise, de modo que todo o significante que motivou e justificou o afastamento definitivo de Dilma, a crise, agora precisa ser esquecida e apagada, ou melhor, deve ser abordada sob outra perspectiva, pelo trabalho.

Considerando o contexto sócio-histórico e econômico mundial, entendemos que a crise a qual Temer está se referindo é uma crise muito mais complexa e ampla que não afeta somente o Brasil; a crise de que ele está falando é a crise estrutural do

capital que acomete países cujo modo de produção adotado é o capitalismo, ponderando as diferentes formas de manifestação dessa crise em cada país. Entender essa crise do ponto de vista da totalidade do funcionamento do sistema do capital é fundamental para compreender como esse dizer proferido por Temer produz sentidos. Segundo Mezaros,

Para poder funcionar como um modo totalizador de controle sociometabólico, o sistema do capital deve ter sua estrutura de comando historicamente singular e adequada para suas importantes funções. Consequentemente, no interesse da realização dos objetivos fundamentais adotados, a sociedade toda deve se sujeitar – em todas as suas funções produtivas e distributivas – às exigências mais íntimas do modo de controle do capital estruturalmente limitado (mesmo se dentro de limites significativamente ajustáveis).

Esse processo de sujeição só é possível na medida em que a ocorre a divisão da sociedade em classes sociais distintas, irreconciliavelmente opostas entre si em bases objetivas. Ou seja, uma classe dominante que detém o controle político total e, dessa forma, representa os interesses do capital; e uma classe dominada que existe para garantir a execução desses interesses do qual depende o sistema do capital para se realizar como modo totalizador. Daí a justificativa para a existência da divisão social hierárquica do trabalho como uma necessidade inevitável na sociedade capitalista que “vem da condição insuperável, sob o domínio do capital, de que a sociedade deva *se estruturar de maneira antagônica* e específica, já que as funções de *produção* e de *controle* do processo de trabalho devem estar radicalmente separadas uma da outra e atribuídas a diferentes classes de indivíduos” (MÉSZÁROS, 2011, p.99). Essas duas funções são a garantia da existência do capital como sistema sociometabólico e é por meio delas que se realiza a “extração máxima do trabalho excedente dos produtores”. Ainda segundo o autor, essa divisão deve ser apresentada como justificativa ideológica absolutamente inquestionável e pilar da ordem estabelecida, algo proveniente da própria natureza e não como decorrente das relações sociais estabelecidas no sistema capitalista.

Dessa forma, a crise estrutural do capital se instaura a medida que o sistema do capital não consegue mais se expandir e nem acumular, porque já não consegue extrair com tamanha eficiência o trabalho excedente e, consequentemente, gerar mais-valia.

Como sistema de controle sociometabólico, o capital é absolutamente irresistível enquanto conseguir extrair e acumular trabalho excedente – seja na forma econômica direta seja na forma basicamente política – no decurso da reprodução expandida da sociedade considerada. Entretanto, uma vez emperrado (por qualquer motivo) este processo dinâmico de expansão e acumulação, as consequências serão devastadoras ( MÉSZÁROS, 2011, p.100).

Essas consequências são o que estamos vivenciando na atualidade, porque o Estado moderno já não consegue mais garantir e proteger as condições gerais da extração da mais-valia do trabalho excedente em razão de que “a tríplice contradição entre produção e controle, produção e consumo e produção e circulação já não pode mais ser conciliada, muito menos usada como maquinário poderoso do processo vital de expansão e acumulação” (p.122). Daí o papel do Estado como central na recuperação e reestabelecimento do capital, haja vista sua característica básica de materialidade do sistema do capital.

Com base nessa exposição, ousamos afirmar que Temer, ao enunciar esse dizer, fala do lugar social de representante maior do Estado e do lugar discursivo do capital, tendo em vista que para superar crise é necessário convocar os trabalhadores do Brasil para o trabalho, única forma de superar a crise do capital, já que é preciso voltar a acumular e a expandir.

Nesse sentido, o que nossa análise permite compreender é que, em um primeiro momento, antes de assumir como presidente interino, cujo lugar social que exercia era de vice-presidente que fazia oposição política a então presidenta Dilma, o sentido da palavra “crise” para ele se restringia a um fato gerado por um partido e que se resumia apenas ao Brasil, ou seja, a crise política teria gerado a crise econômica. Nesse sentido, identificamos uma tentativa de apagamento de um processo histórico de esgotamento do sistema do capital, que já não consegue mais responder com eficiência a extração do trabalho excedente, em detrimento da estabilização do sentido de que a crise foi gerada por um partido político local e que se trata apenas do Brasil. Por outro lado, em seu primeiro discurso como presidente, identificamos um deslocamento dos sentidos da palavra “crise” que agora passa a ser uma crise não mais local e sim global e que só pode ser superada com o trabalho e não mais com a destituição de um partido. Esse deslocamento ocorre porque ao enunciar esse dizer do lugar social de presidente, representante maior do

Estado Brasileiro e, por conseguinte representante do capital, seu discurso só poderia ser possível do lugar do capital, já que o chefe de Estado se constitui como representante legítimo desse sistema. Essa análise está ratificada no pensamento de Pêcheux, ao afirmar que:

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas ao contrário, é determinada pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (2009, 4ª ed. p.146).

Se é verdade que as palavras recebem seu sentido da formação discursiva da qual são produzidas, conforme afirma Pêcheux, também é verdade que o sujeito desse discurso (Temer) é interpelado pela formação discursiva do trabalho que é representada pela Formação Ideológica do Capital, que concebe o trabalho como o pilar para a expansão e acumulação do capital. Como o Brasil enfrenta uma crise no setor de empregos, com um número relevante de desempregados, é justificável que o atual presidente utilize seu discurso no sentido de convocar os trabalhadores para o trabalho, como solução para a superação da crise que é sem dúvida uma crise estrutural do capital.

#### **4 MOBILIZANDO OUTRAS CATEGORIAS DISCURSIVAS: FORMAÇÃO IDEOLÓGICA, INTRADISCURSO/INTERDISCURSO E MEMÓRIA DISCURSIVA**

Esse recorte discursivo “*Não fale em crise, trabalhe*” do pronunciamento de Michel Temer foi publicizado nos outdoors do país e também viralizou nas redes sociais, especialmente no facebook. Muitos usuários das redes sociais começaram a criar várias imagens incluindo este discurso e (re) produzindo como forma de contestação ou conformidade com o posicionamento do presidente em exercício.

Com o acesso a internet os usuários passaram a emitir veementemente suas opiniões a respeito de variados temas e a política nacional é um tema central das discussões no cotidiano, principalmente nas redes sociais. Neste trabalho selecionamos 4 imagens que endossam a contestação ou a conformidade com o discurso de Temer. As três imagens abaixo satirizam o discurso do atual presidente do Brasil, re-significando o seu dizer, contestando este posicionamento discursivo que retiram os poucos direitos conquistados pelos trabalhadores. Tomamos ◉

**discurso** como aquele “[...] socialmente constituído, isto é, parte de um determinado lugar linguístico (FD) e ideológico (FI).” (MAGALHÃES, 2005, p. 29), sendo assim, consideramos a base linguística o lugar/região da materialização do discurso e da ideologia. Analisando o discurso das três imagens temos:

Imagem 1



Imagem 2



Imagem 3



Temos a representação imagética e a re-significação das mesmas na produção de efeitos de sentidos que são construídos a partir dos dizeres de Michel Temer, apontando para a opressão da classe trabalhadora, ou seja, este discurso resgatado nas imagens sustenta um posicionamento ideológico referindo-se aos novos efeitos de sentido que são gerados em torno do trabalho e ao mesmo tempo silencia as consequências que serão condicionadas aos trabalhadores a partir de determinadas decisões políticas partidárias para uma possível solução da crise econômica que também atinge o Brasil.

Diante dessas considerações iniciais, trazemos algumas indagações a partir do discurso “*Não fale em crise, trabalhe!*”, então, Quem não deve falar? Porque não falar? Qual crise precisa ser contida: a política, a econômica, as duas? Porque trabalhar é mais importante do que se falar em crise? Se não há trabalho, quem e/ou o quê perde?

Destacamos a categoria das **formações ideológicas** que ao enunciar determinado discurso sustentamos determinadas posições discursivas dominantes. De acordo com Pêcheux (1993, p.166) as FI:

[...] comportam necessariamente, como um dos seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito [...] a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é,

numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes.

Desta forma **as posições-sujeito** que são representadas nas imagens acima estão em conformidade com o modelo de sociedade vigente, isto é, a sociedade capitalista que é constituída por classes sociais (burguesia/proletariado) com interesses antagônicos. Sendo assim, qualquer discurso vai atender, de forma mais geral, a perspectiva do trabalho ou do capital.

Nas três imagens anteriores temos uma crítica discursiva construída com base no discurso de Michel Temer, em que ambas apontam as consequências prejudiciais que serão sofridas por aqueles que pertencem ao proletariado, diferentemente daquele que pertence a uma classe social mais privilegiada socialmente que, nestas condições materiais, assume o lugar discursivo que atende às demandas capitalistas, ferindo os direitos trabalhistas conquistados arduamente.

Esse discurso circulado nas redes sociais retoma também a uma **memória discursiva** que está sendo atualizada no **intradiscurso através do interdiscurso**, este último recupera novos dizeres, novos sentidos, que são construídos e constituídos nas relações sociais por/para sujeitos, compondo aquilo que já foi dito em outro lugar, em outra situação, operando na formação discursiva atual, re-significando o discurso. Então, as redes sociais cooperam significativamente para promulgação dos efeitos de sentido que são gerados acerca do discurso “*Não fale em crise, trabalhe*” favorecendo ou não a classe trabalhadora.

Essa memória discursiva está atrelada com outro discurso já circulado na história pelo ex-presidente Fernando Collor de Melo que desde a época de sua candidatura a presidência do Brasil, em 1989, já usava camisetas com este mesmo discurso<sup>3</sup>, se referindo à crise (de ordem capitalista) que já vinha se alastrando nos países desenvolvidos desde a década de 1980 e seus primeiros sintomas já eram percebidos no Brasil no final desta mesma década e exalta o neoliberalismo.

---

<sup>3</sup> Ver a matéria: <http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/economia/20151203/relembre-como-foi-impeachment-collor/322958>

A proposta neoliberal no Brasil na década de 1990 é tida como a melhor saída para o momento de desemprego/crise estrutural do capital que estava sendo vivenciado no Brasil e foi fundamental para não se falar em crise e trabalhar era a ordem imanente. Segundo Iamamoto (2004):

O renascimento das propostas neoliberais [...] tem resultado no desemprego massivo, no corte dos gastos sociais, acompanhado de uma legislação anti-sindical e em um amplo programa de privatização dos órgãos do Estado. [...] O aprofundamento das desigualdades e a ampliação do desemprego atestam ser a proposta neoliberal vitoriosa, visto serem estas suas metas, ao apostar no mercado como a grande esfera reguladora das relações econômicas, cabendo aos indivíduos a responsabilidade de “se virarem no mercado”. ( p. 34-35).

Entendemos por memória discursiva:

[...] aquilo que, em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Enquanto o interdiscurso representa o “[...] todo complexo com dominante das formações discursivas, esclarecendo que também ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que, como dissemos, caracteriza o complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 2009, p.148).

Na **imagem 4** temos o discurso aplicado em um outdoor como já havia sido mencionado por Temer e circulando nas redes sociais, no entanto, produzindo efeitos de sentido divergente das imagens analisadas anteriormente:

Imagem 4



Ora, além da célebre frase do presidente Michel Temer, temos um subtítulo que a acompanha: “*Ótimo Brasil para todos nós!*”. Retomando e re-significando (através da memória discursiva e do interdiscurso) mais uma vez o discurso neoliberal como aquele que é a grande saída para a desestabilização da crise, que aparentemente ganha o sentido de ser uma crise local, já que países capitalistas desenvolvidos como os EUA ou Japão estão conseguindo “vencer” a crise.

A pergunta é: A que custo essa crise está sendo vencida? E se não é para falar em crise e sim trabalhar é para sustentar a quem ou seria melhor dizer pagar a conta de quem? O sinal de pontuação (as exclamações) e sua distribuição já enfatiza a ordem, a injunção que todo trabalhador deve aderir, do contrário, a crise vai continuar e a culpa é do trabalhador por não atender aos requisitos necessários adotados pelas grandes indústrias capitalistas para o Brasil ser “*ótimo para todos nós!*”

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das imagens, cujo objetivo foi trabalhar o funcionamento do discurso do texto, nos permitiu revelar como ocorrem os deslizamentos de sentidos das palavras “crise” e “trabalho” em relação à posição e ao lugar social de quem enuncia esses dizeres. Enunciada a princípio por um empresário dono de um posto de lavagem, a palavra “crise” e “análise” aparecem como o sentido de crise econômica, de esgotamento do capital, das dificuldades de acumulação do capital que só pode ser superada com trabalho, nesse caso o trabalho assalariado. Nesse sentido, há o apagamento da contradição capital-trabalho na medida em que silencia o fato de que o triunfo do capital e a superação da crise só são possíveis com o aumento da exploração do capitalista sobre o trabalhador e isso significa perda de direitos trabalhistas, aumento de jornada de trabalho e, conseqüentemente aumento da produção excedente, base de lucro do capitalista. Já no discurso do presidente Temer, ocorre um deslizamento de sentido das palavras “crise e “trabalho”, tendo em vista que ele fala da posição social de chefe maior do Estado capitalista e do lugar discursivo do capital, sendo assim, seu discurso adquire um caráter autoritário que pode ser bem entendida a partir do não dito “a crise econômica é a crise do trabalho”, portanto é preciso não reclamar e nem pensar sobre isso, apenas trabalhar. Daí o tom de convocação para os trabalhadores, pois quem precisa

trabalhar certamente é a classe operária que é quem produz a riqueza material na sociedade capitalista.

Já nas imagens, observamos que, embora a base seja o mesmo enunciado, os sentidos adquirem outros efeitos na medida em são enunciados a partir de posições e lugares distintos do anterior. Nas imagens, o sujeito enuncia da posição social do trabalhador e do lugar de resistência contra as contradições do capital e não a favor dele. Isso significa que essas imagens vão buscar justamente desvelar essas contradições do capital. Na primeira imagem, analisando a interação imagem-enunciado, evidenciam-se os sentidos da palavra trabalho que passa a significar perda de direitos sociais e esmagamento da classe trabalhadora. A segunda imagem vem justamente reforçar o trabalho como forma de alienação humana, em que não é permitido ao trabalhador pensar no processo de trabalho e sim somente executar o que é determinado pelo capitalista. A terceira imagem convoca uma memória histórica das sociedades pré-capitalistas que tinham como base a exploração do trabalho escravo no intuito de fazer uma comparação do que significa o trabalho para a superação da crise nas condições atuais, ou seja, o aumento da exploração sobre o trabalhador.

A luta proletária é capaz de romper com as “amarras” da sociedade capitalista e assim caminhar para um futuro que está além da opressão/exploração do capital, Amaral (2005, p.299) já nos assegura: “toda intencionalidade de atribuir um ponto de chegada a esse processo de reflexão está alicerçada na certeza de que prevalece o movimento de continuidade e ruptura inerente a toda prática social. Estamos do lado daqueles que veem, no fim, o desafio de um começo”.

Consideramos a necessidade de se sobressair a esse modelo de formação social que privilegia as classes sociais, pois é a partir dele que as desigualdades sociais, na contemporaneidade, são postas na realidade objetiva privilegiando a uma determinada classe social (burguesia) com a exploração do trabalho e conseqüentemente a extração da mais-valia da grande massa que compõe a sociedade planetária, isto é, a classe trabalhadora.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Virgínia Borges. **Discurso e relações de trabalho**. Maceió: EDUFAL, 2005.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O serviço social na contemporaneidade**: trabalho e formação profissional. São Paulo: Cortez, 2004.

MAGALHÃES, Belmira. **As marcas do corpo contando a história**: um estudo sobre a violência doméstica. Maceió: Edufal, 2005. 115 p.

PÊCHEUX, Michel. Análise de Discurso: as três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

\_\_\_\_\_. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. **Papel da Memória**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999, p. 49-57.

\_\_\_\_\_. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi, Lorenço Chacon J. filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana M. Serrani. Campinas: Editora UNICAMP, 2009.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**: formulação e circulação de sentidos. Campinas: Pontes Editores, 2008.

MÉSZÁROS, Istiván. **Para além o capital**: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Boitempo, 2011.